

Tenho 26 anos, sou formado em Ciências Sociais pela Unesp e sou disléxico.

Descobri que tenho dislexia há aproximadamente três anos, quando conversava com uma amiga de faculdade, que cursava Fonoaudiologia e ela viu algumas anotações que eu tinha feito numa aula e percebeu os erros gráficos que cometi.

Desde o período da escola fundamental apresentava trocas de letras, a mais preponderante era o P pelo B, mas às vezes o F pelo V e o V pelo B. Durante a minha trajetória escolar sofri com alguns estigmas que carregava por conta das minhas limitações gramaticais e por ter um pouco de dificuldade com o foco. Tentava ao máximo prestar atenção nas aulas, mas tinha grande dificuldade de no final delas elaborar um fio condutor por toda a abordagem que nela fora desenvolvido.

Cheguei em muitos momentos desistir de seguir na escola, tinha o desejo de abandoná-la uma vez que sentia uma grande pressão por parte das professoras. Mas hoje percebo que se tratavam de pessoas limitadas, sem nenhum preparo e que não tinha e não tem a menor condição para atuar dentro de uma sala de aula. Em nenhum momento a minha família foi orientada para que me conduzissem a algum médico ou que procurasse qualquer ajuda profissional. Mas sim que meus pais me vigiassem e que não permitissem nenhuma forma de prazer até que eu tomasse "vergonha na cara" e estudasse.

Por isso, resolvi escrever esse depoimento, para alertar da importância dos professores e profissionais ligados a área da educação em orientar os pais e em não estigmatizar os alunos mediante qualquer déficit de atenção mostrado por esse, pois pode se tratar de um quadro de dislexia, ou mesmo outro motivo que cause esse déficit, como dificuldade em enxergar e ouvir.

Pois bem, peço que vocês da AND, façam uma campanha, alertem em escolas, creches e qualquer outro lugar que aglutine crianças, para que seja dada atenção a qualquer nível de "disfunção" na escrita e na atenção da criança e que não a rotulem nem a estigmatizem.